



Bethlehem Ministry
OF THE ASSEMBLIES OF GOD

VIDA RELEVANTE IV

COMUNHÃO COM OS IRMÃOS



“Mas, se andarmos na luz, como ele na luz está, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo pecado.”

I João 1:7

BOLETIM 654 - ESTUDO 794
2 A 6 DE FEVEREIRO DE 2026

INTRODUÇÃO

Ao longo desta série sobre “*Vida Relevante*”, fomos conduzidos, pelo nosso pastor, segundo a orientação do Espírito Santo, a revisitar um dos fundamentos da fé cristã: a *Comunhão*. Já refletimos sobre a comunhão com Deus Pai, sobre a comunhão com Jesus Cristo e sobre a comunhão com o Espírito Santo. Aprendemos e reconhecemos que a vida cristã autêntica depende de um relacionamento vivo, contínuo e transformador com o nosso Senhor.

Agora, avançamos para uma dimensão inseparável dessas três anteriores: *a comunhão com os irmãos*.

Não se trata de um tema secundário, nem de um apêndice prático da fé. A comunhão entre os irmãos é evidência concreta da comunhão com Deus, com Cristo e com o Espírito Santo. Onde a comunhão horizontal é rompida, fragilizada ou negligenciada, demonstra um comprometimento na comunhão vertical.

O apóstolo João é intencionalmente claro ao escrever que “*se andarmos na luz... temos comunhão uns com os outros*”. Note que ele não diz: “*deveremos ter comunhão*”, mas “*temos comunhão*”. A comunhão não é apresentada como uma obrigação externa, mas como um resultado inevitável de uma vida que anda na luz de Deus. A comunhão fraterna não é produzida por afinidade natural, afinidade cultural ou conveniência institucional, mas pelo

mesmo princípio que sustenta toda a vida cristã: *a vida compartilhada em Deus*.

Diante das tensões e imperfeições do convívio, corremos o sério risco de cogitar a ideia de viver um cristianismo isolado. Em momentos de cansaço, comentamos ou pensamos, o quanto bom seria morar em um sítio ou fazenda, longe de todos, cultuando apenas com a nossa família.

No entanto, o Evangelho é, essencialmente, comunhão. A Ceia do Senhor é comunhão, o culto é comunhão e o próprio Céu é a consumação dessa unidade. Ter comunhão com os irmãos é um ensaio sagrado daquilo que viveremos juntos com o nosso Senhor.

Como bem observa o teólogo Stanley Horton:

“Nenhum cristão pode ser uma unidade completa em si mesmo; fomos criados para sermos canais de bênção uns para os outros, e o Espírito Santo opera com mais plenitude onde os membros estão ligados entre si.”

Essa verdade é selada pela Escritura, que nos lembra que não somos pedras isoladas, mas parte de uma construção coletiva:



CURRÍCULO DOUTRINÁRIO 2026

Efésios 2:22

“No qual também vós juntamente sois edificados para morada de Deus em Espírito.”

Que possamos lembrar que o amor e a comunhão com nossos irmãos são passos indispensáveis na nossa caminhada. Não fomos chamados para sermos “ilhas espirituais”, mas um *corpo vivo*, onde a vida de um depende do suprimento do outro. Se o nosso destino é a Eternidade juntos, que começemos hoje a caminhar na luz, lavados pelo mesmo Sangue.

Desfrute!

O FUNDAMENTO BÍBLICO DA COMUNHÃO FRATERNA

1. A comunhão como realidade espiritual (*koinonía*)

A palavra *comunhão*, no Novo Testamento, traduz o termo grego *koinonía*, que traduz a ideia de participação, partilha, vínculo vital e vida compartilhada. *Koinonía* não se limita a encontros sociais, cordialidade ou convivência institucional; ela descreve uma realidade espiritual objetiva: **personas que participam da mesma vida, da mesma graça e do mesmo Espírito.**

Em I João 1:7, a comunhão entre os irmãos é apresentada como consequência direta de “*andar na luz*”. A luz, no contexto joanino, refere-se ao próprio Deus (I Jo 1:5). Andar na luz, portanto, é viver em alinhamento com o caráter,

a verdade e a santidade de Deus. Onde essa realidade existe, a comunhão fraterna surge como fruto inevitável.

Isso nos ensina que a comunhão cristã não é construída primariamente por esforços humanos de unidade, mas por uma realidade espiritual compartilhada. Somos unidos não porque decidimos nos unir, mas porque fomos unidos em Cristo pelo Espírito Santo (I Co 12:13).

2. Comunhão e purificação: o papel do Sangue de Cristo

João conecta a comunhão com os irmãos à purificação contínua pelo Sangue de Jesus. Isso revela que a comunhão cristã acontece em um ambiente de graça, não de perfeição moral. Não nos relacionamos como pessoas que já alcançaram santidade plena, mas como pecadores redimidos, continuamente purificados pelo sacrifício de Cristo.

Esse ponto é crucial - igrejas adoezem quando a comunhão é substituída por julgamento, comparação e legalismo. A comunhão verdadeira reconhece a santidade de Deus, mas também reconhece a necessidade humana, criando um ambiente onde, confissão, arrependimento, restauração e cuidado mútuo são possíveis.

Tiago 5:16

Confessai as vossas culpas uns aos outros e orai uns pelos outros, para que sareis [...]”

Stanley Horton, ao tratar da vida cristã no Espírito, afirma que “*a comunhão do Corpo de Cristo é mantida não pela perfeição dos membros, mas pela obra contínua da graça de Deus aplicada pelo Espírito Santo*”.

Portanto, a nossa união não depende de sermos perfeitos, mas do Sangue de Jesus que nos purifica e nos mantém ligados. Esse Sangue é o que sustenta a nossa comunhão; e a nossa responsabilidade é andar na luz, para que o mundo veja que o que nos une não são as nossas qualidades, mas a graça do Calvário que nos tornou um só corpo!

A COMUNHÃO COMO MARCA DA IGREJA NO NOVO TESTAMENTO

Atos 2:42-47

E perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações. Em cada alma havia temor, e muitas maravilhas e sinais se faziam pelos apóstolos. Todos os que criam estavam juntos e tinham tudo em comum. Vendiam suas propriedades e fazendas e repartiam com todos, segundo cada um tinha necessidade. E, perseverando unânimes todos os dias no templo e partindo o pão em casa, comiam juntos com alegria e singeleza de

coração, louvando a Deus e caindo na graça de todo o povo. E todos os dias acrescentava o Senhor à igreja, aqueles que se haviam de salvar.

1. A Igreja Primitiva como modelo

O texto de Atos 2, apresenta um retrato da Igreja nascente logo após o derramamento do Espírito Santo. O resultado imediato do Pentecostes não foi apenas poder espiritual, mas vida comunitária transformada. Os crentes “*perseveravam na doutrina dos apóstolos, na comunhão, no partir do pão e nas orações*”.

A comunhão aparece como prática estruturante da vida da Igreja. Ela se expressava no compartilhamento de recursos, na hospitalidade, na vida nos lares e na alegria espiritual. Essa comunhão não era forçada; era fruto da ação do Espírito em corações regenerados.

O pastor *Antônio Gilberto* observa que “*o verdadeiro avivamento bíblico nunca produz crentes isolados, mas uma igreja viva, solidária e comprometida uns com os outros*”.



CURRÍCULO DOUTRINÁRIO 2026

Muitos membros, um só corpo

I Coríntios 12:12

Porque, assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, são um só corpo, assim é Cristo também.

O apóstolo Paulo desenvolve a teologia da comunhão a partir da metáfora do *Corpo de Cristo* (I Co 12). Cada membro é diferente, mas todos são igualmente necessários. Não existe espiritualidade autêntica que despreze o corpo ou tente viver de forma independente.

A comunhão, nesse contexto, não é opcional. Ela é constitutiva da identidade cristã. Estar em Cristo é, necessariamente, estar ligado aos irmãos. Não existe “cristianismo solitário” no Novo Testamento.

1. A comunhão é uma marca do amor verdadeiro (*Cuidar, a responsabilidade é minha!*)

João 13:35

Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis. Nisto todos conhacerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros.

O ápice da identidade cristã é revelado por Jesus em João 13:34-35 através do “**Novo Mandamento**”. Ao declarar que o mundo reconheceria seus discípulos pelo amor mútuo, o Senhor estabelece que a comunhão não é apenas

uma atividade social, *mas o termômetro da nossa regeneração*. Como observa o pastor *Claudionor de Andrade*, “a comunhão é a expressão externa da unidade produzida pelo Espírito; sem esse amor prático, a liturgia torna-se vazia e a estrutura eclesiástica perde sua essência vital”.

A conexão entre este amor e a comunhão é intrínseca: o amor é a **essência**, e a comunhão é a **evidência**. O amor (*ágape*) exigido por Cristo não se cumpre no isolamento.

É no “*partir do pão*” e no “*ter tudo em comum*” que o amor se torna sacrifício e serviço. *Stanley Horton* destaca que a plenitude espiritual na Igreja Primitiva não resultou apenas em manifestações de poder, mas em uma disposição sobrenatural para o *cuidado* mútuo, onde o egoísmo dava lugar à *koinonia*, é por isso que dizemos em todos os cultos - *cuidar, a responsabilidade é minha!* Cuidar é amar, amar é ter comunhão e ter comunhão é demonstração do verdadeiro discípulo de Cristo.

Portanto, a comunhão é a marca distinta da Igreja perante o mundo. Quando a comunidade vive em unidade, ela oferece uma prova visível da resurreição de Cristo. Como ensinava o pastor *Antônio Gilberto*, a comunhão é um dos pilares que sustentam o *edifício* da fé, funcionando como um testemunho silencioso, porém poderoso. As pessoas são atraídas a Deus pela forma como os cristãos cuidam uns dos outros.

Cultivar a comunhão, portanto, é zelar pela própria credibilidade do Evangelho, pois uma igreja que não vive o amor, não pode comunicar plenamente o Deus que é amor.

FRUTOS DA COMUNHÃO CRISTÃ

A comunhão da Igreja agrada a Deus

Deus não apenas sugere, mas ordena que seu povo permaneça unido (**I Co 1:10**). Na oração mais profunda de Jesus, o clamor central foi pela unidade dos seus discípulos (**Jo 17:11**), revelando que a nossa harmonia é o cumprimento do desejo do coração do Filho. Portanto, preservar o vínculo da paz não é apenas uma escolha eclesiástica, é uma **prioridade espiritual** (**Ef 4:3**).

A comunhão é o solo onde floresce o “*vínculo da perfeição*”. Ela exige o exercício das virtudes mais nobres do caráter cristão: *a humildade que não busca os próprios interesses, a mansidão que acalma tempestades e a longanimidade que suporta as falhas alheias em amor* (**Ef 4:2**).

Quando a comunhão é genuína, ela deixa de ser um esforço e passa a ser uma “colheita de frutos sobrenaturais”:

1. Temor a Deus

A verdadeira comunhão frutifica, na vida da Igreja como um todo e na vida de cada crente em particular, um santo temor a Deus. Lucas destaca:

Atos 2.43

“[...] em cada alma havia temor.”

E o temor a Deus, como todos sabemos, é o princípio do saber (Pv 1.7). Quando os crentes temem e amam a Deus, a Igreja mostra-se sábia não apenas diante do Senhor, mas também, do mundo.

2. Sinais e maravilhas

Pentecostais que somos, acreditamos piamente que Deus ainda opera sinais e maravilhas entre o seu povo. Mas, para que isso ocorra, é urgente que vivamos uma perfeita comunhão com o Pai e com cada um de seus filhos. Lucas realça que, na *Igreja Primitiva*, o sobrenatural era algo bastante natural entre os crentes:

Atos 2.43

“[...] e muitas maravilhas e sinais se faziam pelos apóstolos.”

O segredo? A *comunhão*.

3. Cuidado mutúo

Uma igreja que cultiva a verdadeira comunhão cristã auxiliará os seus membros na sua necessi-



CURRÍCULO DOUTRINÁRIO 2026

dade. Eis o que testemunha o autor sagrado:

Atos 2:44-45

"Todos os que criam estavam juntos e tinham tudo em comum. Vendiam suas propriedades e fazendas e repartiam com todos, segundo cada um tinha necessidade."

Não se tratava de um *comunismo cristão*, mas da autêntica comunhão que o Espírito Santo nos espalhe na alma. O comunismo só espalha o medo, a miséria e o ateísmo. A *Igreja de Cristo* não precisa dessa ideologia para socorrer os seus membros - ela tem o amor de Deus.

4. Crescimento

Uma igreja que cultiva a comunhão e não se acha dividida, só tem a crescer:

Atos 2:47b

"[...] E todos os dias acrescentava o Senhor à igreja aqueles que se haviam de salvar."

A igreja como a agência por excelência do Reino de Deus não pode ficar estagnada. Haverá de crescer local e universalmente.

5. Adoração

A *Igreja Primitiva* era também uma comunidade de adoração:

Atos 2:47

"[...] louvando a Deus e caindo na graça de todo o povo."

Sim, a Igreja que louva a Deus jamais deixará de ser reconhecida, até mesmo por seus inimigos, como um povo especial. Voltemos ao altar da verdadeira adoração. Louvemos a Deus com salmos e hinos. Abramos a *Harpa Cristã* e celebremos os grandes atos de Deus.

O PERIGO DO ISOLAMENTO

Se a comunhão é o ambiente da bênção e da vida, o isolamento é o terreno onde a fé se torna vulnerável. A Bíblia nos adverte:

Hebreus 10:25

"Não deixemos de congregar, como é costume de alguns."

O autor sagrado compreendia que o isolamento é o primeiro passo para o esfriamento espiritual. Como observa o teólogo Myer Pearlman, “*um cristão isolado é como uma brasa tirada do braseiro: longe do calor dos outros irmãos, ela se apaga rapidamente*”.

O perigo do isolamento reside na perda da proteção mútua. No *Corpo de Cristo*, fomos projetados para depender uns dos outros.

Quando um membro se afasta, ele perde o “*suprimento*” que vem das juntas e ligamentos (Ef 4:16).

O adversário das nossas almas sabe disso e, como um *leão* que busca a presa mais fraca, ele sempre foca naquele que se desgarrou do rebanho. Como destaca *Donald Stamps*, o isolamento espiritual muitas vezes precede a queda moral e a apostasia, pois remove o suporte da oração e do aconselhamento fraternal.

Além disso, o afastamento fere o coração de Deus porque interrompe o fluxo do amor que Ele ordenou. Quem se isola, priva o corpo dos seus dons e, simultaneamente, priva-se da “*suave união*” onde o Senhor ordena a bênção (Sl 133).

De novo, não fomos chamados para sermos “*ilhas espirituais*”, mas *pedras vivas* que, juntas, edificam um templo santo. A comunhão é o nosso escudo; o isolamento, a nossa maior fragilidade.

COMUNHÃO E VIDA DEVOCIONAL: UMA RELAÇÃO INSEPARÁVEL

A Escritura deixa claro que a comunhão cristã não é sustentada apenas por estruturas eclesiásticas, agendas ministeriais ou encontros regulares, mas por uma espiritualidade viva, alimentada no secreto e expressa no coletivo. A comunhão entre os irmãos é tanto fruto, quanto reflexo da vida devocional. Onde a devoção enfraquece, a comu-

nhão se torna superficial; onde a devoção floresce, a comunhão se aprofunda.

1. A devoção pessoal como fundamento da comunhão coletiva

Não existe comunhão saudável entre os irmãos sem uma vida devocional consistente e sincera diante de Deus. Antes de ser uma prática comunitária, andar na luz é uma experiência pessoal, diária e contínua. Jesus ensinou que a vida espiritual autêntica começa no secreto:

Mateus 6:6

“Mas tu, quando orares, entra no teu quarto, e fechando a porta, ora a teu Pai, que está em secreto.”

O cristão que negligencia o secreto, tende a transferir para a comunidade as suas frustrações, carências e imaturidades espirituais, gerando conflitos, divisões e relacionamentos adoecidos.

A vida devocional molda o caráter cristão (Sl 1:1–3), alinha as motivações (Pv 4:23) e ensina o crente a lidar bíblicamente com ofensas, diferenças



CURRÍCULO DOUTRINÁRIO 2026

e correções (Cl 3:12–15).

Quanto mais alguém é tratado por Deus em oração, na Palavra e na santidade pessoal, mais apto estará para conviver com maturidade espiritual no *Corpo de Cristo*.

A ausência de devoção pessoal produz crentes suscetíveis à irritação, ao orgulho espiritual, à murmurção e ao espírito crítico. Paulo adverte que o amor que edifica nasce de “*um coração puro, de uma boa consciência e de uma fé não fingida*” (I Tm 1:5), realidades que são cultivadas no relacionamento íntimo com Deus.

O pastor *Antonio Gilberto* observa que “*não há verdadeira vida espiritual comunitária sem disciplina espiritual individual*”. Avivamentos genuínos sempre começaram no altar pessoal antes de se manifestarem no altar congregacional.

2. A vida devocional como uma bênção para comunidade!

“*A nossa comunhão uns com os outros será apenas uma conversa vazia se não for alimentada por uma conversa profunda com o Senhor, no secreto. Ninguém pode brilhar em público se não estiver queimando no secreto.*”

Nestas palavras, *Spurgeon* defendia que a saúde da igreja dependia inteiramente do que acontecia nos quartos de guerra dos crentes.

Um crente com o seu QG ativo é uma bênção para sua comunidade!

a) Do Reservatório ao Transbordo

Quando o crente cultiva uma vida devocional, ele não vai para a comunhão buscar ser “*alimentado*” o tempo todo, mas vai para *alimentar*. Quem tem o reservatório cheio no secreto, *transborda* graça na vida do irmão. A sua presença na comunidade deixa de ser uma demanda por atenção e torna-se uma oferta de amor.

b) Capacidade Sobrenatural de Perdoar e Suportar

A comunhão é feita de pessoas imperfeitas. Se você não tem uma vida devocional, você tentará suportar as falhas dos irmãos com a sua própria paciência (*que é limitada*).

No devocional, você recebe o amor de Deus que “*tudo sofre e tudo suporta*”. A intimidade com Deus nos dá a “*musculatura espiritual*” necessária para suportar e perdoar ofensas que, humanamente, seriam impossíveis de esquecer.

c) Discernimento para Aconselhar e Edificar

A vida devocional afia os seus ouvidos para a voz do Espírito Santo. Na comunhão, isso se traduz em palavras de sabedoria. Muitas vezes, um irmão está passando por uma luta e, porque você orou e leu a Palavra de manhã, o Espírito Santo usa a sua boca para entregar a resposta exata que ele precisava. A sua “*instrução mútua*” (Cl 3.16) deixa de ser opinião pessoal e passa a ser inspiração divina.

d) Unidade no Espírito, não apenas em Opinião

A verdadeira unidade (como em João 17) é uma unidade de espírito. Se todos os membros da Igreja buscam a Deus individualmente quando se reúnem, a unidade acontece naturalmente porque todos estão “sintonizados” na mesma frequência (*o Espírito Santo*). Como dizia A. W. Tozer: “Se cem pianos forem afinados pelo mesmo diapasão, eles estarão automaticamente afinados entre si”. O devocional é a “afinação” individual que gera a “sinfonia” na comunhão.

Portanto, a qualidade da nossa comunhão pública é determinada pela profundidade da nossa devoção particular. Quem não se *ajoelha* diante de Deus, no secreto, jamais conseguirá *caminhar* em amor com os homens, no coletivo.

CONCLUSÃO

A comunhão com os irmãos é a evidência de que andamos na luz. Ela nasce da salvação em Cristo, é sustentada pela obra contínua do Espírito Santo e se manifesta na vida da Igreja local. Onde há comunhão, há crescimento, amor, perseverança e testemunho.

Que o Espírito Santo nos conduza a uma espiritualidade equilibrada: profunda no secreto e fiel no convívio; intensa na devoção e madura na comunhão. Assim, a Igreja cumprirá sua missão, glorificando a Deus e edificando os santos.

Em Cristo,

Pr. Glauber Lopes
Rotterdam, Holanda



CURRÍCULO DOUTRINÁRIO 2026

BIBLIOGRAFIA

Bíblia Sagrada – Almeida Revista e Corrigida.
Gilberto, Antonio. Teologia Sistemática Pentecostal. CPAD.
Gilberto, Antonio. Prática da Vida Cristã. CPAD.
Horton, Stanley M. Teologia Sistemática: Uma Perspectiva Pentecostal. CPAD.
Stamps, Donald. Bíblia de Estudo Pentecostal. CPAD.
Arrington, French L. Doutrinas Bíblicas: Uma Perspectiva Pentecostal. CPAD.
Gonçalves, José. Eclesiologia Bíblica. CPAD.
Cabral, Elenai.
Lições Bíblicas CPAD – A Igreja e a sua Missão. CPAD.
Bonhoeffer, Dietrich. Vida em Comunhão. Vida Nova. CPAD.
Claudionor de Andrade. Atos dos apóstolos – Até os Confins da Terra.

11. Suportai-vos uns aos outros em amor (Ef 4.1-2)
12. Sede benignos uns para com os outros (Ef 4.32)
13. Falai entre vós com salmos e hinos e cânticos espirituais (Ef 5.18-19)
14. Sujeita-vos uns aos outros (Ef 5.21)
15. Não mintais uns aos outros (Cl 3.9)
16. Perdoai-vos mutuamente (Cl 3.13)
17. Instruí-vos... mutuamente (Cl 3.16)
18. Aconselhai-vos mutuamente (Cl 3.16)
19. Cresçam e aumentem em amor uns aos outros (I Ts 3.12)
20. Consolai-vos uns aos outros (I Ts 4.18)
21. Exortai-vos mutuamente (Hb 3.13)
22. Estimulai-vos uns aos outros ao amor e boas obras (Hb 10.23-25)
23. Não falai mal uns dos outros (Tg 5.9)
24. Confessai os vossos pecados uns aos outros (Tg 5.16)
25. Orai uns pelos outros (Tg 5.16)
26. Sede mutuamente hospitaleiros (I Pe 4.9)
27. Cingi-vos todos de humildade no trato uns com os outros (I Pe 5.5)
28. Saudai-vos uns aos outros com ósculo de amor (I Pe 5.14)

Alguns mandamentos de “uns aos outros”:

1. Amai-vos uns aos outros (Rm 12.10;13.8; I Pe 1.22; I Jo 3.11,23; 4.7,11-12; II Jo 5).
2. Preferi-vos em honra uns aos outros (Rm 12.10)
3. Tende o mesmo sentimento uns para com os outros (Rm 12.16; 15.5)
4. Não nos julguemos mais uns ao s outros (Rm 14.13)
5. Sigam as coisas da paz e também a edificação uns para com os outros (Rm 14.19)
6. Acolhei-vos uns aos outros (Rm 15.7)
7. Admoestai-vos uns aos outros (Rm 15.14)
8. Cooperem os membros em favor uns dos outros (I Co 12.25)
9. Sede servos uns dos outros (Gl 5.13)
10. Levai as cargas uns dos outros (Gl 6.2)



PROPÓSITO DO MÊS DE FEVEREIRO

EVANGELIZAR



PAÍSES DO MÊS DE FEVEREIRO

FRANÇA & HAITI



CONGREGAÇÕES DO MÊS DE FEVEREIRO

WEST REGION

WESTCHESTER

GARDEN GROVE

GLENDALE

SALT LAKE CITY (UT)

SEATTLE (WA)

DECLARAÇÃO DE PROPÓSITOS:

- ADORAR
- EVANGELIZAR
- DISCIPULAR
- CUIDAR

A RESPONSABILIDADE É MINHA!

Bethlehem Ministry of the Assemblies of God

United States

- . California
- . Florida
- . Georgia
- . Hawaii
- . Illinois
- . Maryland
- . Massachusetts
- . Mississippi
- . Nebraska
- . North Carolina
- . Ohio
- . Pennsylvania
- . South Carolina
- . Texas
- . Utah
- . Virginia
- Washington, DC
- . Washington State

Europe

- . Austria
- . Bangladesh
- . Belgium
- . Czech Republic
- . Denmark
- . France
- . Germany
- . Ireland
- . Italy
- . Luxembourg
- . Holland
- . Portugal
- . Spain
- . Sweden
- . Swiss
- . United Kingdom

Asia

- . Bangladesh

Oceania

- . Australia
- . New Zealand

Caribe

- . Haiti

Africa

- . Mozambique

